



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA

CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

ELESSANDRO SANTOS DA ROCHA

**CENTRALIDADE URBANO-REGIONAL DA FEIRA LIVRE DA CIDADE DE
ESPERANÇA-PB**

CAMPINA GRANDE-PB

2014

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Heleno da Rocha e Maria Sueli e a
minha vó Severina Maria dos Santos, em
agradecimentos por tudo o que sou...

Dedico

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer em primeiro lugar a Deus e a Virgem Maria por tantas bênçãos derramadas em minha vida, agradecer principalmente pela força dada a mim nessa trajetória cheia de muitos obstáculos e desafios que contribuíram para a minha superação e amadurecimento na vida estudantil e pessoal. Agradeço imensamente a Deus por ter vencido mais uma etapa da minha vida estudantil morosa, porém, persistente. Agradeço a Ele por tudo e por todos os que me ajudaram nessa caminhada.

Agradeço a minha família: ao meu pai Heleno da Rocha, minha mãe Maria Sueli, minha vó Severina Maria dos Santos, meu irmão Eleandro Santos e minha irmã Eleandra Santos, por todo o apoio recebido nessa caminhada.

Quero agradecer em especial ao meu orientador Prof. Dr. Sérgio Luiz Malta de Azevedo, por ter me acolhido como orientando e amigo; sou grato por todo apoio, paciência e compreensão ao longo da construção deste artigo, sou imensamente grato ao senhor que o tenho como referência de pessoa humilde e humana a seguir. Muito obrigado por tudo.

Aos meus colegas e amigos da faculdade (turma 2010.1), em especial àqueles de que mais me aproximei: Helder Alves, Gabrielly Balbino e Juselma Marques, obrigado pela parceria e pelos momentos de alegrias e tristezas partilhadas juntos ao longo de nossa caminha, tenham certeza que eu os carregarei eternamente em minha memória e coração, cresci muito com todos vocês. Aos amigos Sérgio Marinho, José Geraldo, Rosana, Gorete Ribeiro, Marcela Alves, Luana Moura, Kléber, Claudio Dantas, Ana Paula e Renata Xavier, agradeço pela amizade.

Aos meus colegas do ensino médio Joselito Alves e Rangel Aciole pela amizade construída desde outrora.

Agradeço a todos os meus amigos e colegas que todos os dias juntamente comigo se deslocam para Campina Grande, obrigado pelos momentos de alegrias e tristezas partilhadas nessa caminhada de quase cinco anos.

Aos professores de Geografia, mestres e doutores, por cada aula recebida: Aline Barbosa, Débora Coelho, Janaína Barbosa, Kátia Ribeiro, Linconl Diniz, Luiz Eugênio,

Martha Priscila, Sérgio Malta, Sérgio Murilo, Thiago Romeu, Paulo Sérgio, Xisto Júnior, Rebeca Aguiar, Sônia Lira, obrigado pelo empenho e profissionalismo de todos.

Aos professores de outras Unidades Acadêmicas: Andréia Ferreira e Maríthica Flaviana, pela contribuição em minha formação, muito obrigado.

Aos secretários do Curso de Geografia: Marcelo e Simone, por toda a atenção para comigo agradeço.

Por fim, agradeço à Universidade Federal de Campina Grande – Unidade Acadêmica de Geografia – pela oportunidade de cursar um curso superior e por toda qualificação profissional recebida.

Sintam-se todos abraçados!

CENTRALIDADE URBANO-REGIONAL DA FEIRA LIVRE DA CIDADE DE ESPERANÇA-PB

Elessandro Santos da Rocha, Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Sérgio Luiz Malta de Azevedo, Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

RESUMO

No Brasil a prática de comercialização, através de mercados periódicos, foi trazida pelos europeus durante o período colonial. Disseminando-se rapidamente no Brasil, em especial no Interior do Nordeste, essa modalidade de comércio, tornou-se uma das atividades econômicas mais importantes, chegando a dar origem a vários núcleos de povoamento, o qual deu origem a cidade de Esperança - PB. Assim, Este artigo discute a centralidade urbana – regional da feira livre de Esperança - PB, a partir da influência que o referido mercado exerce sobre os municípios circunvizinhos. O estudo parte da perspectiva crítico-social, se valendo principalmente, da teoria dos dois circuitos econômicos de Milton Santos. A abordagem predominante foi do tipo qualitativo, tendo como referência o método de estudo de caso. Contatou-se, com os dados levantados que a feira livre de Esperança - PB, de fato, exerce uma centralidade inter-regional, no entanto percebeu-se que nos últimos anos (2013-2014) a feira estudada tem diminuído, primeiramente em virtude da seca (problema conjuntural) e em segundo lugar pela concorrência com os supermercados e mercadinhos, que oferta os mesmos produtos vendidos na feira, contudo, é importante lembrar que na feira o consumidor pode comparar preço e a qualidade dos produtos, fato que funciona como um fator de grande atração de consumidores.

Palavras-chave: Feiras Livres de Esperança; Centralidade, Dois Circuitos da Economia.

RESUMEN

Fueron los europeos quienes trajeron para Brasil, en el periodo colonial, las prácticas de comercialización a través de mercados periódicos. Éstas se alastraron rápidamente por el país, especialmente en la región noreste, volviéndose unas de las actividades económicas más importantes, originando variados núcleos de desarrollo de poblaciones, por el cual le dio lugar a la ciudad de Esperança, en el estado de Paraíba. Este artículo discurre sobre la centralidad urbana y regional de la feria de Esperança, Paraíba, desde la influencia que el susodicho mercado ejerce sobre las municipalidades vecinas. El estudio empieza desde una perspectiva de una crítica social, basándose en las teorías de los dos circuitos económicos de Milton Santos. El enfoque principal ha sido el cualitativo, llevándose en cuenta el método de análisis de caso. Se ha podido constatar, conforme los datos recogidos, que la feria de Esperança, de hecho, ejerce un eje interregional. Sin embargo, se ha percibido que en los últimos años (2013-2014) la

susodicha feria ha disminuido, en un primer momento por lo de la sequía (problema conjetural) y por ende por los supermercados y pequeños establecimientos comerciales, que ofrecen los mismos productos vendidos en la feria. Considerándolo todo, es importante recordar que, en la feria, las personas pueden comparar precios y la calidad de las mercancías, hecho que sirve como un componente de atracción para los consumidores.

Palabras claves: ferias; centralidad; dos circuitos de economía.

1. INTRODUÇÃO

Discutir as feiras como lugar de relações sociais é reconstruir os estudos dos processos iniciais de trocas e de comercialização, sendo também uma forma de reconhecer a centralidade que os municípios exercem com esse tipo de mercado. Em algumas regiões, essa forma de fazer a comercialização de mercadorias surgiu como um fenômeno com grande capacidade de expansão a ponto de muitas cidades terem suas origens relacionadas a esses tipos de mercados como é o caso da cidade de Esperança-PB que teve sua origem a partir da feira livre.

De acordo com Dantas, (2008) o surgimento de mercados destinado essencialmente ao abastecimento da população representou o embrião de uma nova aglomeração humana uma vez que a atividade comercial é um lugar de construção de relações sociais e bem adequado a prática da sociabilidade.

Observada como instituição destinada à troca comercial, a feira livre tem sua origem relacionada ao renascimento da atividade comercial na passagem da Idade Média para a Idade Moderna. Dois elementos foram determinantes para o renascimento comercial neste momento, a construção de cidades e o surgimento de atividades ditas civilizadoras. Contudo, autores como Mumford (2004) mostram que o elemento principal para isto foi a formação de um “excedente” de produtos rurais e de população para que se pudesse proporcionar ao comércio as riquezas necessárias para sua expansão. Porém, é possível, principalmente entre os naturalistas, encontrar anotações que fazem referência a relatos de trocas intertribais antes mesmo da chegada dos colonizadores (DANTAS, 2008). Mott (1975) nos mostra que no Brasil pré-colonização as tribos indígenas possuíam uma vida simples, baseada predominantemente numa vida em que os alimentos eram plantados, coletados ou caçados e que tinha como única

finalidade à satisfação de suas necessidades imediatas. Neste sentido, não havia motivo para a produção de “excedentes” e acumulação de riquezas, pois, por motivos culturais, eles não organizavam a partir de atividades de relações capitalistas mercantis. Com relação às trocas intertribais, esta acontecia se de forma muito particular, com os grupos delimitando um lugar específico. E com relação a esse fenômeno o que se conhece é que, a questão é pouco estudada.

Com relação ao conhecimento geográfico, a teoria que mais tem sido utilizado para o estudo de feiras livres foi desenvolvida em 1933, por Walter Christaller, e denominada de Teoria das Localidades Centrais, em que o conjunto de elementos teóricos procura embasar a influência que os centros urbanos, com maior oferta de produtos e serviços, exercem sobre outros centros menores.

Assim, as feiras livres tornaram-se periódicas a partir do estabelecimento do comércio em tempo parcial e a designação de dias especiais para a sua realização e persistem no tempo pelas necessidades dos produtores e consumidores, da organização do tempo, das demandas, da sazonalidade e de vantagens comparativas. Essa última condição refere-se às vantagens que algumas feiras possuem em relação a outras, como é o caso da feira da cidade de Esperança-PB.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo geral analisar a influência urbano-regional que a feira livre do município de Esperança-PB exerce sobre os municípios circunvizinhos e como objetivos específicos visa-se compreender a participação dos produtos agrícolas no circuito da feira da região (relação campo-cidade); destacar o circuito espaço-temporal dos feirantes e compreender a organização espacial dos diversos setores da feira.

Nesse contexto, desenvolve-se no primeiro item uma breve apreciação teórica dos estudos de centralidade urbano-regional, ou seja, do papel das feiras livres na cidade. No segundo item analisa-se a geografia histórica da produção do espaço da feira de Esperança-PB. No terceiro item discute-se a centralidade inter-regional da feira de Esperança-PB. No quarto item analisa-se a dinâmica intrarregional: a participação de produtores e compradores de produtos agrícolas do município de Esperança-PB. No quinto item destaca-se o circuito espaço-temporal dos feirantes da região do agreste paraibano, tendo como referência a feira livre de Esperança-PB. No sexto e último item analisa-se a setorização da feira da cidade de Esperança-PB e na conclusão são destacados os principais resultados a que se chegou com a pesquisa.

2. METODOLOGIAS E PROCEDIMENTOS

Em face das diretrizes centrais adotadas para a concretização deste artigo, procedeu-se, inicialmente, o levantamento bibliográfico. Em seguida foram levantados dados através da pesquisa direta no campo de estudo, realizadas a partir de depoimentos de feirantes e pequenos produtores que participam da feira da cidade de Esperança-PB.

A abordagem predominante foi do tipo qualitativa, tendo predominado o método de estudo de caso que segundo YIN (2005), tal método, parte do pressuposto de que inicia-se a pesquisa pelas características empíricas dos objetos e sujeitos estudados, para através de múltiplas fontes chegar-se a determinadas afirmações, acerca da realidade a ser estudada. Recorreu-se ainda, ao método (MHD) materialismo histórico-dialético, principalmente para a construção de argumentações crítico-sociais.

2.1 CARACTERIZAÇÕES DA ÁREA ESTUDADA

O município de Esperança está localizado na Microrregião Esperança e na Mesorregião Agreste Paraibano do Estado da Paraíba. Sua área é de 165 km² representando 0.2927% do Estado, 0.0106% da Região e 0.0019% de todo o território brasileiro. A sede do município tem uma altitude aproximada de 631 metros distando 110,4187 Km da capital. Sua população sendo dados do IBGE 2014 é de aproximadamente 32. 597 habitantes. O acesso é feito, a partir de João Pessoa, pelas rodovias BR230/BR104. O município está inserido nas Folhas SUDENE de Solânea e Campina Grande na escala de 1:100.000.



Figura 1 Mapa de localização do município de Esperança-PB

2.3 APRECIÇÃO TEÓRICA DE ESTUDO DE CENTRALIDADE APLICADA A FEIRAS LIVRES

Observada como instituição destinada à troca comercial, a feira tem sua origem relacionada ao renascimento da atividade comercial na passagem da Idade Média para a Idade Moderna. Dois elementos foram determinantes para o renascimento comercial neste momento, a construção de cidades e o surgimento de atividades ditas civilizadoras. Porém, autores como Mumford (2004) mostram que o elemento principal para isto foi a formação de um “excedente” de produtos rurais e de população para que se pudesse proporcionar ao comércio as riquezas necessárias para sua expansão.

A troca de produtos surgiu e se desenvolveu na sociedade no momento em que passou a existir um excedente regular de produção, fruto do desenvolvimento das forças produtivas. Assim, a “existência de um excedente de produção engendra a troca que, por sua vez, também passa a ser regular, e sua expansão permite o aparecimento da figura do comerciante, bem como da atividade comercial, aumentando a divisão social do trabalho” (PINTAUDI, 1984, p. 38-39). Nesse contexto, consideramos que o principal elemento para o desenvolvimento das feiras, enquanto instituição destinada à troca de produtos, ocorreu justamente quando da expansão dos excedentes agrícolas produzidos no contexto de uma economia de caráter feudal, no caso da sociedade europeia, havia uma produção destinada quase que exclusivamente para o consumo (DANTAS, 2008). No caso do Brasil, a feira livre é recente, se compararmos a história desse tipo de mercado na Europa. Seu modelo está baseado nos mercados de caráter periódico originados na Europa durante a Idade Média (DANTAS, 2008). Porém, encontramos algumas referências e relatos de trocas intertribais antes mesmo da chegada dos colonizadores (DANTAS, 2008). Mott (1975) nos mostra que no Brasil pré-colonização as tribos indígenas possuíam uma vida simples, baseada predominantemente na economia de subsistência, que tinha como única finalidade à satisfação de suas necessidades imediatas. Neste sentido, não havia motivo para a produção de excedentes e acumulação de riquezas, pois, por motivos culturais, eles desconheciam a propriedade privada. Quanto as trocas intertribais, este se dava de forma muito peculiar, com os grupos delimitando um lugar específico para a permuta de produtos, em geral para o adorno corporal.

A primeira referência ao estabelecimento de uma feira no Brasil data de 1548, quando no Regimento enviado ao Governado Geral o rei Dom João III ordenava “que nas ditas vilas e povoados se faça em um dia de cada semana, ou mais, se vos parecerem necessários feira [...]” (MOTT, 1975, p. 309). Tal medida foi tomada para que os nativos pudessem vender seus produtos e comprar aquilo de que necessitavam.

Sabe-se que poucos estudos abordam a temática em questão. A teoria que mais se aproxima dessa discussão no campo da geografia foi desenvolvida em 1933, por Walter Christaller, e denominada de Teoria das Localidades Centrais, cujo arcabouço teórico explicava a influência que os centros urbanos, com maior oferta de produtos e serviços, exerciam sobre outros centros menores. Na pesquisa a referida teoria aparece retrabalhada por alguns autores, como Milton Santos e Roberto Côrreia, pois a mesma não havia sido pensada para estudar esse fenômeno nos países subdesenvolvidos no qual as feiras livres “nem sempre exercem relação de interdependência, não constituindo necessariamente uma rede hierárquica, conforme os postulados de Christaller” (SANTOS e SERPA, 2000, p. 53).

Milton Santos, criador da teoria dos dois circuitos da economia urbana, circuito superior e circuito inferior dos países em desenvolvimento, criticando uso de modelos criados em países centrais para a explicação de fenômenos em países periféricos, e, sem dúvida, sua construção teórica foi útil para a construção deste artigo, pois possibilitou classificar as atividades desenvolvidas nas feiras livres nos Dois Circuitos Econômicos. Pode-se apresentar o circuito superior como constituído pelos bancos, comércio e indústria urbana moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores, o circuito inferior é constituído essencialmente por formas de fabricação vinculadas ao não “capital intensivo”, pelos serviços não modernos fornecidos “a varejo” e pelo comércio não moderno e de pequena dimensão (SANTOS, 1966).

O atacadista está no topo de uma cadeia decrescente de intermediários, que chega a frequentemente ao nível do “feirante” ou do simples vendedor ambulante.

Para Porto, (2005) essas considerações contribuíram no sentido de analisar as feiras livres não apenas como instituições comerciais, com ênfase nos processos econômicos contemporâneos, mas também evidenciar o contexto social onde estão inseridas, bem como o desenvolvimento histórico da atividade comercial

As feiras livres tornaram-se periódicas a partir do estabelecimento do comércio em tempo parcial e a designação de dias especiais para a sua realização e persistem no

tempo pelas necessidades dos produtores e consumidores, da organização do tempo, da inércia e da vantagem comparativa. Essa última condição refere-se às vantagens que algumas feiras possuem em relação a outras, indo desde a primazia na origem, à variedade e quantidade de produtos comercializados como é o caso da feira da cidade de Esperança-PB.

Inferindo sobre este aspecto afirmam que “os agrupamentos de mercado periódico estão relacionados aos conceitos sócio-culturais de tempo, à duração da semana ou mês estabelecidos, e à existência de dias separados para descanso, cerimônias religiosas ou reuniões públicas e festividades” (BROMLEY, SYMANSKI & GOOD, 1980, p. 185).

Mesmo com o avanço das pesquisas na Geografia Econômica, na Economia Regional e na economia informal urbana, ainda há carência de estudos que analisem as feiras livres no Brasil, no Nordeste segundo Porto (2005).

Sendo assim, as feiras livres são construções humanas que não podem ser analisadas separadamente como se fazia no positivismo; qualquer proposta coerente de pesquisa científica atual deve analisar criticamente os fatos, direcionando-a para a análise crítica dos mesmos, sem perder de vista suas singularidades (PORTO, 2005).

Para Corrêa (1997, p. 49-50),

Os mercados periódicos são um dos modos de estruturação das redes de localidades centrais dos países pobres e podem ser caracterizados como: aqueles núcleos de povoamento, pequenos, via de regra, que periodicamente se transformam em localidades centrais: uma ou duas vezes por semana, de cinco em cinco dias, durante o período de safra, ou de acordo com outra periodicidade.

O mesmo autor referindo as pequenas cidades revela que estas se transformam “nos dias de mercado, [...]um centro [de grande movimentação].Vendedores dos mais variados produtos, artesãos e prestadores de diversos serviços amanhecem no centro com suas mercadorias e instrumentos de trabalho, nesse aspecto concordamos com o autor, pois, dessa mesma forma ocorre na feira da cidade de Esperança-PB que em dias de ocorrência de feira os feirantes deslocam-se para a o local da realização da feira com suas mercadorias e bancas isso antes do amanhecer.

Vale destacar que os mercados periódicos representam uma forma de sincronização espaço-temporal dos mercados periódicos. “Assim, os dias de funcionamento de cada mercado acham-se aos demais, numa lógica de tempo e espaço, envolvendo o deslocamento periódico e sincronizado dos participantes de um dado

mercado”. CORRÊA (1997, p. 51), de fato é o que ocorre com os feirantes da feira da cidade de Esperança-PB, onde alguns feirantes cumprem um circuito espaço-temporal nas feiras das cidades circunvizinhas a depender dos dias de ocorrência das mesmas, assim, cria-se a possibilidade de que em dias diferente se possa frequentar várias “praças”.

Azevedo, (2001, p. 108) analisando a importância desses tipos de mercados mostra que:

Dentre as formas de comercialização dos produtores agrícolas no Brasil, as feiras livres representam a modalidade que melhor se ajusta à realidade nacional, dado seu caráter periódico, as feiras beneficiam-se de algumas facilidades ao livrar os comerciantes que delas participam de certas despesas próprias do comércio permanente, tais como imobilização de equipamentos, construção de instalações, despesas com água, energia e outros custos que são próprios do comércio varejista fixo.

A presença e expansão de estabelecimentos formais, o circuito superior, nos espaços em estudo e arredores, configura-se enquanto cultura dominante, ao passo que as atividades feirenses, o circuito inferior, são entendidas como cultura subdominante ou alternativa, uma cultura residual (PORTO, 2005). No caso da feira de Esperança-PB, observa-se uma relação de coexistência entre os dois mercados citados por Porto.

Nesse sentido é que se pensou em entender a feira não apenas enquanto fato econômico, mas, também, cultural. Sendo assim, a maioria dos consumidores que as frequentam possui experiência e consciência diferenciadas, pois, fazem parte de uma categoria de população de baixo status social.

Os dois subsistemas chamados por Santos (1979) de “circuito superior” e “circuito inferior”, o primeiro é aquele que atende principalmente os consumidores com alto poder de compra, o segundo, os “sub consumidores” do sistema, os que possuem baixo poder de consumo como é o caso da feira que configura-se como um circuito inferior dado que, em geral, pessoas de baixo poder aquisitivo fazem suas compras, mas nem só as pessoas de baixo poder aquisitivo frequentam as feiras, existem também aquelas pessoas de classe médias que também compram nas feiras, isso em virtude do preço, da qualidade dos produtos e de sua quantidade no qual acaba propiciando a escolha de um bom produto, a preço mais baixo muitas das vezes menor do que os preços praticados nos supermercados e mercadinhos.

Destacando a relação entre a feira e o comércio atacadista formal, como supermercados e mercadinhos em geral, esses por sua vez preferem localizar-se próximos

as feiras, pois a mesma é um local de atração de pessoas de todas as partes do município que muitas das vezes vem para a feira compra seus produtos e por fim acaba realizando suas compras nas mercearias, em supermercados ou mercadinhos e isso gera benefícios para os feirantes e para os donos dos supermercados em questão.

Azevedo (2001, p. 109) referindo-se a relação entre feirantes e atravessadores ressalta que:

Embora se verifique o predomínio de feirante profissional na comercialização dos produtos da pequena agricultura, é significativa a participação de pequenos agricultores na venda, sobretudo, de produtos de baixo valor unitário o que, de certa forma, contribui para a persistência de uma articulação (produtor-consumidor) hoje pouco encontrável nas feiras nordestinas, cujo espaço de atuação tem sido cada vez mais ocupado pelo intermediário, agente do capital mercantil.

Esses são chamados de atravessadores que compra os produtos diretamente ao homem do campo e vende mais caro ao feirante que no final acaba encarecendo o produto para o consumidor.

3. RESULTADOS E DISCURSÕES

3.1 GEOGRAFIA HISTÓRICA DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO DA FEIRA DE ESPERANÇA-PB

Pode-se dizer que vocação comercial do município de Esperança-PB surge de uma pequena feira de gêneros alimentícios semanal, cuja fase pioneira inicia-se em 1860, aliada a boa posição geográfica e os caminhos carroçáveis que davam acesso aos principais pontos do Estado (Brejo, Litoral e Sertão), fizeram-na entreposto comercial, fato este cuja consolidação se estende até hoje.

A essa altura a nossa vila já possuía uma bonita e espaçosa igreja, considerada a mais bela da freguesia e a sua feira é uma das mais frequentadas. O seu imposto, em 1927 muitas vezes, superava a da própria vila de Alagoa Nova, da qual Esperança pertenceu um dia. (Tabela 1).

TABELA 1: Arrecadação em reis nas feiras de Alagoa Nova, Esperança e São Sebastião de Lagoa de Roça, na Paraíba, em 1927. (valor absoluto em reis)

Municípios	Produto do imposto da feira
Alagoa Nova	631\$000
Esperança	641\$000
S. Sebastião de Lagoa de Roça	101\$000

Fonte: JOFFILY, 1892.

Em nota publicada naquele ano, o jornal “A União” esclarecia que os impostos da feira de Esperança haviam sido arrematados por quinze contos e cinquenta e dois mil reis (15:552\$000) e documentava “as possibilidades econômicas de Esperança”. O contrato de arrendamento foi celebrado pelo prefeito Manuel Rodrigues de Oliveira.

A feira livre sempre representou um marco em nossa história. Mas ao longo desses anos mudou de lugar algumas vezes.

Funcionou inicialmente na Rua Manuel Rodrigues de Oliveira (Rua Grande), próximo a Igreja Matriz Nossa Senhora do Bom Conselho. Depois foi realocada para a rua Sólon de Lucena (rua do Sertão) e atualmente encontra-se nas rua José Ramalho da Costa, José Andrade, João Cabugá e Floriano Peixoto, nas proximidades do Mercado Público, inaugurado em 1963.

A presença de mascates, fazendo a comercialização de produtos industrializados (velas, arreios, querosene, ferramentas e utensílios domésticos). E também de tropeiros e criadores de gado, que pernoitavam na Rua do Sertão embaixo de seus antes de seguirem viagem ao romper da aurora, avivaram ainda mais o nosso tino comercial.

Em nosso Município, muitas vezes, a figura do comerciante associava-se com a do produtor. Assim é que alguns proprietários de terras e criadores de gados estabeleceram-se nesta povoação abrindo lojas comerciais, citemos: Theotônio Tertuliano da Costa, “Loja das Noivas” (1897), e Manoel Rodrigues de Oliveira, com a sua “Loja Ideal” (1911).

Em 1889, o seu comércio já era bastante “*animado*” com diversas casas de fazenda, estivas, molhado e quinquilharias. Destacando-se neste ramo:

- Mathias Francisco Fernandes, Firmino Porfírio Delgado, Thomaz Rodrigues de Oliveira, Sebastião Nicolau da Costa, Manoel Idelfonso Correia Lima, Miguel Angelo Criosolo & Irmão (fazendas);
- Manoel Camello do Nascimento (estivas);
- José Maria Ferreira Pimentel, José Maria & Cia., José Martiniano de Araújo, José Irineu Diniz, Surpino Agripino de Souza, Manoel Alves da Rocha, José F. de Albuquerque Silva, Pedro Benevenuto de Araújo, Francisco Nicolau da Costa, Francisco Celestino da Silva, Joaquim Celestino da Silva, Florentino Bezerra Diniz, Francisco Anatolio Ferreira Cavalcante, Ignácio da Silva Sobral e José Pereira Brandão (molhados);
- Elysio Augusto de Araújo Sobreira, Manoel Rodrigues de Oliveira, José Maria Ferreira Pimentel, José Pereira Brandão, Francisco Celestino da Silva, Surpino Agripino de Souza e Antonio Firmino do Nascimento (quinquilharias). (JOFFILY, 1892)

A sua força empresarial era tal que, em 1891, já havia uma fábrica de cigarros estabelecida nesta povoação, com o nome de “Fábrica Progresso”.

O empreendimento pertencia ao cidadão Austrieliiano Cicinato Cabral de Vasconcelos e tinha sede na Rua da Gameleira, nº 35, sendo o produto fabricado com “especiais fumos” oriundos de Goiás, Barbacena, Rio Novo, Pomba, Araxá e Picú.

O cigarro era comercializado em pacotes Cariocas, Macafonte e Tuspinanbá, oferecendo vantagens a “todas as pessoas que honrar com as suas freguesias”.

Assim publicava o jornal “Gazeta do Sertão”, em sua faixa de anúncios:

FÁBRICA PROGRESSO - O abaixo assignado, avisa o respeitável público, especialmente aos amadores, que acaba de montar uma fábrica de cigarros nesta povoação, na rua da Gameleira, 35 – Com a denominação de – Fábrica Progresso sendo os cigarros fabricados com especiais fumos de Goiaz, Barbacenas, Rio Novo, Pomba, Araxá, Picu, em pacotes Carioca, Macafonte Tuspianambá. Offerece vantagens a todas as pessoas que honrar com suas freguesias. Povoação de Esperança, 6 de fevereiro de 1891. Austreliano Cicinato Cabral de Vasconcellos.

QUADRO 1: Comerciantes pioneiros e tipos de mercadorias que vendiam no início do século XX

Ano	Comerciante	Estabelecimento	Atividades
1902	José de Christo P. da Costa	Rua Senador Epitácio, 133	Tecidos, miudezas e chapéus. Tem uma filial na mesma praça
1908	José Cunha Netto	Rua Senador Epitácio.	Ferragens, miudezas, louças e vidros
1910	Sebastião Batista Júnior	Rua do Sertão, 5 e 7	Estivas, ferragens e miudezas
1916	José Carolino Delgado	Rua Senador Epitácio	Ferragens e miudezas
1912	José Virgolino Sobrinho	Rua do Comércio	Estivas, miudezas e ferragens
1918	Alfredo Gomes Pessoa	Rua do Sertão	Tecidos, miudezas, chapéus e calçados
1918	Floripes Freire Salles	Rua do Comércio	Tecidos e artefatos. Tem uma filial no Engenho S. Francisco
1919	Manoel Luiz Pereira	Av. Presidente Suassuna, 17	Estivas, miudezas e ferragens. Comprador de algodão em rama
1920	Maximino Alves da Silva	Rua Senador Epitácio, 12	Estivas e miudezas
1924	Leonel Leitão	Rua Dr. Sólon de Lucena	Tecidos, miudezas, calçados e chapéus

Fonte: JOFFILY, 1892.

Ainda no início do Século XIX a cultura da batatinha fomentou uma considerável movimentação financeira, assim como o algodão – considerado o “ouro branco” - e o sisal, comparando a sua hegemonia a dos produtores de cana-de-açúcar das cidades brejeiras.

Já em 1985, segundo dados da Coletoria Estadual, a cidade possuía as inscrições: Atacadistas (14); Varejistas(06); Cooperativas (01); Contribuintes por Estimativa Variável (121); Ambulantes (61); Armazéns (01); Depósitos (05); Empresas de Transportes (01); Prestadoras de Serviços (04).

Estima-se que a população de Esperança-PB segundo o IBGE (Instituto brasileiro de geografia e estatística), em 2013 é de 32.264 habitantes, e sua posição no estado em termos do movimento circulante da riqueza estadual fica em 11º lugar.

3.2 CENTRALIDADE INTER-REGIONAL DA FEIRA DE ESPERANÇA-PB

Principais produtos que vem de outras cidades para serem comercializados na feira de Esperança-PB são: banana, abacaxi, hortaliças, como alface e coentro, e frutas diversas como maçã, melancia, manga etc. A banana vem principalmente de cidades do brejo paraibano como a cidade de Alagoa Nova, que em 2012 produziu 3.400 ha da fruta, Areia, produziu 800 ha do produto em 2012, e Lagoa Seca, produziu 300 ha em 2012, (IBGE, 2014), semanalmente a feira da cidade recebe entre um a dois caminhões desses municípios com a fruta para vender na feira a depender do período de safra e entressafra.

O produto quando é transportado para ser comercializado na feira da cidade de Esperança-PB sempre vem em cachos e em conchas¹, ao chegar na feira são comercializadas em conchas ou na unidade. O produto é transportado no cacho até o ponto de venda para facilitar sua carga e transporte, quando chega no local de comercialização a maioria dos cachos são cortados em forma de conchas (Figura 1).

¹ Conchas – denominação utilizado no brejo paraibano para designar o que usualmente denomina-se de “palma de banana”, variando a quantidade entre 10 e 12 bananas por concha.

FIGURA 2: Comercialização de bananas em cacho (primeiro plano) e em concha, em cima da Banca



Fonte: acervo do autor 2014.

O abacaxi é originário principalmente do município paraibano de Sapé que produziu em 250 ha da fruta no ano de 2012, (IBGE, 2014). Na feira de Esperança-PB geralmente, esse fruto, é comercializado em grande quantidade no período de safra, no dia da feira são comercializados cerca de um a dois caminhões do produto, dependendo de menor ou maior oferta.

A compra do abacaxi em seu local de origem é feita em milheiros, (mil frutos) já sua comercialização na feira pode ser feita em “cento” (cem frutos) ou até mesmo na unidade já que o mesmo é um fruto de produção sazonal.

As hortaliças, em grande parte são compradas em Campina Grande-PB mais precisamente no CEASA, (Central de abastecimento de Campina Grande), outra parte os feirante adquire diretamente dos produtores da cidade de Lagoa Seca-PB.

As frutas como melancia, maçã, manga, entre outras frutas são compradas no CEASA, outras frutas como a jaca, mangas são brejeiras, ou seja, são oriundas de cidades circunvizinhas a Esperança-PB como Alagoa Nova-PB e Areia-PB.

3.2.1 Produtos de origem animal de Esperança-PB para abastecer outras cidades

Com relação aos produtos de origem animal comercializados na feira, destaca-se que ao final de um ano são abatidos cerca de 16.320 bovinos no matadouro da cidade de

Esperança-PB, a taxa do serviço de abate é de 55,00 reais por boi abatido gerando uma arrecadação anual de 897.600 mil reais para a prefeitura municipal. Parte dessa arrecadação é usada para manter o funcionamento do matadouro e pagamento de alguns serviços terceirizados de limpeza entre outros, ao final com os descontos com esse serviço o líquido, de acordo com o depoente entrevistado, o que vai para a prefeitura é 250.000 mil reais segundo o diretor do matadouro.

Por ano chega a ser comercializadas cerca de 326.000 mil quilos de carne aproximadamente.

TABELA 2: Número de animais abatidos no matadouro público de Esperança-PB

Municípios	Número de abates por semana	Total de abates por mês
Esperança	200	800
Areia	55	220
Remígio	45	180
Barra de S. Rosa	20	80
Areial	10	40
Arara	6	24
Campina Grande	4	16
Total:	400	1360

Fonte: Direção do Matadouro Público do Município de Esperança-PB

Em pesquisa a dois donos de frigoríficos na cidade segundo eles grande parte de suas carnes são vendidas principalmente para outras cidades, em especial para a cidade de Campina Grande-PB para onde vão mais 90% das carnes comercializadas para fora do município de Esperança-PB.

O primeiro dono do frigorífico “A” localizado na cidade de Esperança-PB, por semana o mesmo chega a distribuir cerca de 1000 mil quilos de carne em Campina Grande-PB principalmente em restaurantes e supermercados da cidade, por mês o mesmo chega a distribuir cerca de 4000 mil quilos de carne nesses estabelecimentos.

Já o segundo dono (frigorífico “B”) na cidade de Esperança-PB, por semana chega a distribuir 1500 quilos de carne em bares e restaurantes de Campina Grande-PB, por semana e por mês ele chega a comercializar cerca de 6000 mil quilos de carne em média na cidade.

3.3 A DINÂMICA INTRARREGIONAL: a participação de produtores e compradores de produtos agrícolas do município de Esperança-PB

Com relação aos pequenos produtores observa-se que estes trazem alguns produtos que são vendidos diretamente aos consumidores. Na feira de Esperança-PB, pode-se encontrar (galinha de caopoeira, macaxeira, ovos, feijão macassa), todos esses produtos são vendidos por pequenos produtores locais vindos principalmente dos sítios circunvizinhos ao município de Esperança-PB, a quantidade desses produtos na feira vai depender do período de safra como é o caso do feijão macassa que são vendidos em molhos chegando de 70 a 100 molhos por feira, com relação a macaxeira dependendo do período ela também aparece, chegando a ser comercializada cerca de 50 quilos do produto, já as galinhas por feira são vendidas cerca de 15 a 20 galinhas por feira dependendo muito do período também principalmente se for em tempos de festas. As galinhas são vendidas durante o ano todo na feira por pequenos criadores, mas a macaxeira e o feijão “macassa” aparecem em maior quantidade no período de chuvas entre junho e agosto (Figura 3).

FIGURA 3 Pequeno produtor comercializando, seus produtos na feira de Esperança-PB, destacando-se o feijão macassa



Fonte: acervo do autor, junho de 2014

Outro produto a ser destacado é a produção do feijão carioca plantado na região no período de chuvas de março a julho, muitos pequenos produtores chegam a colher em média de 5 a 10 sacas de feijão dependendo do inverno, outros chegam até mais que 10 sacas do produto. Grande parte dessa produção é reservada, dependendo de sua

produção entre três e quatro sacas do feijão são estocadas para ser consumidos durante o ano todo por sua família, o “excedente” do produto é vendido na feira. (Figura 3).

FIGURA 3: Comercialização de legumes, cereais e farinha, dentro do mercado público municipal da feira de Esperança-PB



Fonte: acervo do autor 2014.

Nota-se, que na cidade a alguns atravessadores que compra a saca do feijão num valor variável entre R\$ 50,00 a 70,00, dependendo da qualidade desse legume. Os atravessadores compra esse produto para estocar ou vender em outros municípios como Areial, Remígio, Alagoa Nova, ou até mesmo no varejo em seu estabelecimento comercial, muitos dos donos de depósitos da cidade compra a saca mais barata no período de safra para estocar e somente ser vendida no período de escassez de feijão, quando alcançam melhores preços para o produto.

3.4. CIRCUITO ESPAÇO-TEMPORAL DOS FEIRANTES DA REGIÃO AGRESTE PARAIBANO

O quadro abaixo demonstra o circuito espaço-temporal dos feirantes que fazem a feira de Esperança-PB, o X representa o dia que cada um desloca-se para a feira da referida cidade, o ponto representa o dia de compra e de abastecimento de seus produtos para a feira seguinte, os dias de compra são sempre nas sextas-feiras na cidade de Campina Grande-PB.

QUADRO 2: circuito espaço-temporal dos feirantes da Região do Agreste paraibano

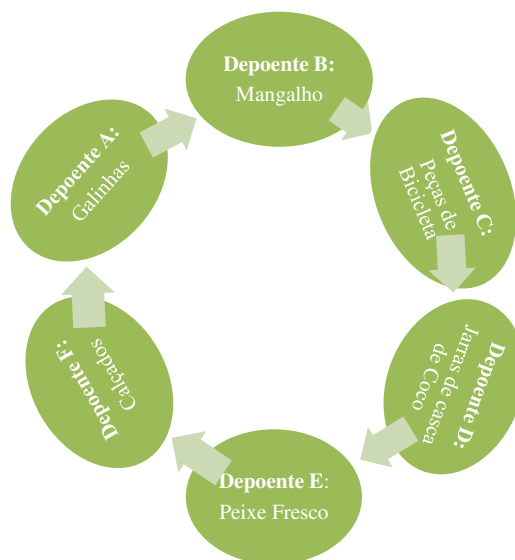
Dep.	Esperança							Remígio							Barra S. R.							Puxinanã							Algodão J.							Campina Grande																	
	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D											
A						X							X				X					X											X																	X	●		
B						X																																													●		
C						X							X				X																																		●		
D						X							X				X																X																		●		
E						X							X				X					X											X																		●		
F						X							X									X																													●		

Fonte: Pesquisa Direta – Jul. 2014.

X DIAS DA SEMANA

● DIA DE COMPRA NO ATACADO.

FIGURA 4: Principais produtos comercializados no circuito espaço-temporal dos feirantes da região agreste paraibano



No fluxograma acima está representado os principais produtos que são comercializados pelos feirantes no circuito espaço-temporal de cada um deles.

4. SETORIZAÇÃO DA FEIRA DA CIDADE DE ESPERANÇA-PB

A representação espacial abaixo mostra os grandes compartimentos que espacializam os principais setores de comercialização de produtos na feira de Esperança-PB, cada compartimento se encontra representados em seis grandes setores, sendo também representado os setores menores que estão representados na legenda do mapa.

FIGURA 5: Setorização da Feira da Cidade de Esperança-PB



Fonte: Google imagens

Elaboração: Elessandro Santos da Rocha

No grande setor representado pelo triângulo vermelho é formado pelas feiras:

1. Feira da roupa,
2. Feira da rede,
3. Feira da troca,

4. Feira do mangalho,
5. Feira do tapete,
6. Feira dos importados

No grande setor representado pelo triângulo amarelo é formado pelas feiras:

7. Feira da galinha,
8. Feira de bovinos e ovelhas,
9. Feira do peixe seco,
10. Feira do peixe fresco,
11. Feira do passarinho

No grande setor representado pelo triângulo azul é formado pelas feiras:

12. Feira da fruta,
13. Feira da fruta e verdura,
14. Feira do tempero,
15. Feira da gelada

No grande setor representado pelo triângulo marrom é formado pela feira:

16. Feira de utensílios de barro.

No grande setor representado pelo triângulo verde é formado pela feira:

17. Feira agroecológica

No grande setor representado pelo triângulo preto é formado pela feira:

18. Mercado público municipal

A feira de Esperança-PB em sua setorização conta com 18 setores, e atualmente existem 550 bancas, sendo que 330 estão localizadas no entorno do mercado público municipal, as 220 bancas restantes estão localizadas dentro do mercado público, sendo sua maioria bancas de carne. O restante é formado por bancas de calçados, de roupas e cereais como feijão e farinha além outros produtos como estivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já mencionado poucos estudiosos da Geografia têm se debruçado sobre a atividade comercial e, em se tratando da feira livre da cidade de Esperança-PB, um número bem menor tem se dedicado a essa tarefa.

O presente artigo propôs analisar a produção desse fenômeno sob a ótica da teoria dos dois circuitos econômicos de Milton Santos e da teoria das localidades centrais de Walter Christaller entre outros teóricos e produções científicas que trabalham a temática como artigos e etc. O entendimento de que a feira livre se constitui numa manifestação do circuito inferior foi uma das premissas indispensáveis para a possibilidade do desenvolvimento da pesquisa. Percebeu-se que a maioria das características do circuito inferior, apresentadas por Santos, está presente no “dia-a-dia” das feiras. Dentre essas se pode citar o caráter simples em que se dá a venda dos produtos, o baixo investimento em capital no funcionamento dos pontos de venda, a presença considerável de familiares trabalhando nesse processo, baixo estoque de produtos para a comercialização, o não-uso de empréstimos para investimento no próprio negócio, dentre outros. Muitos anos se passaram desde que essa teoria foi construída. Daquele momento até os dias atuais a sociedade vem mudando com rapidez exigindo que qualquer teoria nas Ciências Humanas, criada num tempo distante, seja retomada e revisada no intuito de explicar os fenômenos na atualidade, cuja produção se dá no seio de uma sociedade que se transforma cada vez mais rápido.

Os dados empíricos coletados, em depoimentos informais com comerciantes e consumidores levam-nos a concluir que a feira têm enfraquecido, primeiramente por causa da seca, (contexto conjuntural) na região e a falta de água fazendo com que as pessoas passem a gastar menos dinheiro na aquisição de produtos na feira, em parte, devido a necessidade de inverter gastos com a compra de água, em segundo lugar vem a concorrência com os supermercados que oferta os mesmo produtos comercializados na feira, ou seja, nos supermercados e mercadinhos, em muitos casos ha grande oferta de produtos similares aos comercializados na feira livre e isto acaba atraindo muitas vezes o consumidor para os supermercados, mas vale salientar que na feira o consumidor pode comparar preço e qualidade de produtos, fato que funciona como um fator de grande atração de consumidores.

Para chegar à conclusão acerca dessa afirmação seria necessário um estudo mais específico e aprofundado, quanto à obtenção de informações acerca do número de frequentadores em cada sábado, do montante de lucro obtido por comerciante em cada dia de feira, da quantidade de produto comercializado. Se com a pesquisa desenvolvida não foi possível comprovar esse pressuposto, outros aspectos foram percebidos. Um dos que mais chamou a atenção foi o fato de que em alguns sábados as feiras são mais dinâmicas. Nesses, elas recebem maior número de feirantes consumidores e comerciantes. Geralmente são sábados que antecedem “dias santos” ou festas que têm grande importância local como Semana Santa, São João e Natal. Nesses sábados, a comercialização de peixes e, sobretudo, de confecções é de maior expressividade no espaço da feira. Não propomos entender a feira estudada a partir dessa peculiaridade, porém, acredita-se que esse é mais um aspecto que carece de estudos geográficos. A maior ou menor dinâmica da feira, além de estar associada às festividades locais, mantém íntima relação com as estações do ano e dias de pagamento de salários e de aposentadorias. Em meses de pouca chuva e nas duas últimas semanas do mês geralmente as feiras são menos movimentadas e os produtos, sobretudo os de origem rural, são mais escassos. Sem dúvida, esse comportamento percebido em relação a essas feiras determina uma configuração espacial com certa mobilidade. Em sábados com maior número de feirantes e maior quantidade e diversidade de produtos a feira possui uma arrumação espacial que se difere daquela visível nos dias de menor movimento.

Pode-se afirmar que a informalidade, além de estar presente no circuito da compra e da venda de mercadorias, necessita do espaço para se manifestar, nesse caso as feiras livres de Esperança-PB, tornando-se assim visível. O planejamento dispensado na feira é diferenciado a depender da cidade, a depender da sua importância para o entorno e a depender da população que a frequenta. A discussão aqui levantada se constitui num embrião que carece de cuidados e maiores reflexões de forma a ser, futuramente, compreendido em pelo menos parte de sua totalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, F. F. QUEIROZ, T. A. N. **As feiras livres e suas (contra) racionalidades: periodização e tendência a partir de Natal-RN.** Revista bibliográfica de geografia y ciencias sociales. Vol. XVIII, n. 1009. Barcelona, 2013.

CORRÊA, R. L. **Trajetórias geográficas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

CARRERAS, C. PACHECO, S. M. M. **Cidade e comércio: a rua comercial na perspectiva internacional**. Rio de Janeiro: Armazém das Letras, 2009.

DANTAS, G. P. G. **Feiras livres do nordeste**. Mercator, Revista de geografia da UFC, ano 07, número 13, 2008.

JOFFILY, Irineo. **Notas sobre a Parahyba**. Typographia do Jornal do Comércio. Imprensa Oficial. Volume 2. 1892.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Desenvolvido pelo governo brasileiro. Apresenta estatísticas, textos e documentos estruturais e conjunturais das atividades sócio-econômicas brasileira. Disponível em: <http://www.ibge.gov>. Acesso em 24-06 – 2014.

PORTO, G. C. S. **Configuração sócio-espacial e inserção das férias livres de Itapatinga-BA e arredores no circuito inferior da economia**. Instituto de geociências da Universidade Federal da Bahia, Salvador – BA, 2005.

AZEVEDO, S. L. M. **Vale mais do que pesa: a articulação os pequenos produtores agrícolas do município de Paulo Afonso-BA, com o circuito das feiras livres da região**. Centro de estudos Euclides da Cunha. Revista Canudos/ Universidade do Estado da Bahia. In: V. 5, n. 1/1 (junho de 2001) Salvador: UNEB, 2001. P. 97 - 116.

SANTOS, M. **O espaço dividido: Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.